

Perspectivas do trabalho criativo entre artesãs e designers no Maranhão contemporâneo.

Perspectivas del trabajo creativo entre artesanas y diseñadores en el Maranhão contemporáneo.

Ms. Joana Golin Alves ¹

Resumo

Este relato pretende apresentar algumas percepções vivenciadas, a partir da relação do trabalho criativo entre artesãs e designers no Maranhão contemporâneo. As reflexões partem do trabalho de pesquisa realizado com artesãs que trabalham no beneficiamento da fibra do buriti e os profissionais designers pesquisadores e provindos de instituições. Neste contexto observamos dimensões de troca e cooperação, permeadas por novos desdobramentos, significados e enraizamentos.

Palavras chaves: artesanato de fibra de buriti, design, troca, cooperação.

Resumen

Este relato pretende presentar algunas percepciones vivenciadas, a partir de la relación del trabajo creativo entre artesanas y diseñadores en el Maranhão contemporáneo. Las reflexiones parten del trabajo de investigación realizado con artesanas que trabajan en el beneficio de la fibra del buriti y los profesionales diseñadores investigadores y provenientes de instituciones. En este contexto observamos dimensiones de intercambio y cooperación, permeadas por nuevos desdoblamientos, significados y enraizamientos.

Palabras claves: artesanía de fibra de buriti, diseño, intercambio, cooperación.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato sobre as observações acerca da relação entre trabalhadoras artesãs² que utilizam a fibra do buriti como matéria prima e profissionais designers na Associação das Artesãs de Santa Maria, na comunidade de Santa Maria, Maranhão, Brasil. Buscamos aprofundar o debate e a reflexão sobre as novas configurações do mundo do trabalho criativo. O artesanato tradicional concentra dimensões culturais, econômicas e políticas, pretendemos compreender como estas dimensões se relacionam com a atividade do designer contemporâneo.

¹ Mestra em Ciências Sociais, Professora Substituta na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, Santa Catarina, Brasil; joana.alves@uffs.edu.br.

² Utilizo artesãs pelo fato de constatar em nosso trabalho de campo que haviam apenas artesãs trabalhando com a fibra de buriti, em nenhum momento encontrei ou entrevistei um artesão. Optei por utilizar a palavra no gênero feminino, mesmo que institucionalmente o nome aparece no gênero masculino tanto na Associação dos Artesãos de Santa Maria.

Observamos em nossa pesquisa que a cadeia de produção das artesãs de fibra de buriti no evidenciou a manifestação de um fenômeno social, produto de uma relação de trabalho: práticas de intervenção no produto artesanal tradicional da fibra de buriti, através de elementos do *design*³, objetivando o mercado consumidor. Nesse contexto indagamos: Qual é a natureza da relação entre artesãos e designers? Quais os conteúdos presentes nessa relação? Como essa relação é absorvida e inferida pelos agentes? Como os conteúdos de troca e formas de cooperação se estabelecem entre os agentes na relação? ‘

O objeto construído consiste em tentarmos desvelar a natureza e os conteúdos de ‘cooperação’ e de ‘troca’ contidos na relação de trabalho entre designers e artesãs, no contexto social a qual está inserida, como: relações com o Estado e outros, através, dos projetos, políticas públicas e de fomento de instituições diversas. Contudo, para compreendermos os efeitos dessas ações e de seus conteúdos - a fim de buscar o diálogo presente em nosso objeto - lançamos mão do método qualitativo de pesquisa e das ferramentas dos campos da Sociologia e Antropologia.

Em nossas percepções da relação entre artesãs e designers, geralmente inferida como “troca” e “cooperação”, tomamos de empréstimo categorias nativas que correspondem as nossas observações e a complexa relação que os indivíduos observados mantêm em seu contexto social. O trabalho de campo resultou em um ano de observação e coleta de dados da vida cotidiana das artesãs da Associação dos Artesãos de Santa Maria, uma pequena comunidade composta de aproximadamente 120 famílias.

Assim como em alguns documentos institucionais, os dados coletados e analisados demonstram a pluralidade e heterogeneidade da relação de trabalho entre artesãos e designers, expressa, entre outros, pela relação de troca e formas de cooperação. Essa relação é constituída não somente pela utilização de técnicas específicas, mas também de processos criativos.

No contexto das transformações do mundo do trabalho e do seu processo, a atividade artesanal tradicional participa de um processo de hibridação com o design, que perpassa sua produção e consumo na inserção de novas técnicas, tecnologias e materiais ao objeto artesanal. Segundo Néstor Garcia Canclini, importante pesquisador da cultura popular da América do Sul e Central, a noção de hibridação foi criada para identificar: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2008, p.19).

Para abarcarmos esse recorte contemporâneo da realidade social pesquisada e focarmos em nosso objeto optamos pela pesquisa qualitativa e a combinação de métodos que resultou no estudo de caso, na pesquisa documental, na produção de um documentário áudio visual, no trabalho de campo e etnografia com observação direta seguida de entrevistas.

³ O termo design já vinha sendo empregado na Grã – Bretanha havia pelo menos duas décadas para se referir à configuração e ao projeto de artefatos industriais. O primeiro uso sistemático do termo designer data da década de 1830, aplicado especificamente aos trabalhadores que criavam padrões de impressão para a indústria têxtil (pattern designers). (RUSKIN, 2004, p.155).

Analisamos as subjetividades dos sujeitos da pesquisa no contexto de suas relações com o mundo do trabalho, assim pensar as subjetividades em suas conexões com o trabalho implica pensar os modos como às experiências de trabalho constituem maneiras de agir, pensar, sentir e laborar associados a momentos definidos. Esse é um aspecto chave para compreendermos a troca e as formas de cooperação na relação estudada.

Em relação a questão da produção artesanal, Ricardo Gomes Lima (2005), importante pesquisador do folclore e do artesanato, afirma que há dois discursos: um que defende a conservação do objeto artesanal, que possui uma estética perfeita, a qual reflete o gosto de seu produtor, nas suas condições de produção e o segundo que defende a adequação do objeto artesanal à contemporaneidade; “tempos que preconiza a transformação de sua forma, a criação de um novo design “refinado” como condição para garantir mercado.”(LIMA, 2005, p. 04).

Perguntar às artesãs sobre as técnicas utilizadas e seu processo de trabalho pressupõe o fazer do objeto artesanal. A relação das artesãs com designers na sociedade contemporânea, enquanto um fenômeno, envolve: conteúdos de troca e cooperação, e intrinsecamente a estes imperativos, dinâmicas de pluralização, recortes de gênero e identidade, questões de patrimônio material de imaterial, relações de poder, heterogeneização e subjetivação entre os seus agentes e a sociedade, no momento em que é praticada e existe na realidade.

A gama de assuntos que se pode abordar no estudo de uma relação social formada por campos distintos é ampla. Contudo, quando contemplamos essas atividades priorizamos a realidade social do Maranhão contemporâneo, a qual circunscreve nosso caso empírico. Este objeto de estudo nos aproxima da profundidade e da riqueza do saber fazer e da criatividade que brota do artesanato e do design.

2. Artesanato & Design: a troca e a cooperação no caso da fibra de buriti no Maranhão

No Maranhão contemporâneo o artesanato de fibra de buriti possui elevada importância na vida social e econômica de muitas famílias, configurando-se como umas das principais atividades do arranjo produtivo e criativo do “turismo e artesanato” nos municípios de São Luis, Alcântara e Barreirinhas.

O antropólogo Ricardo Gomes Lima, diz, sobre o processo de produção do artesanato nos dias atuais que:

No mundo contemporâneo existe uma enorme gama de objetos que podemos definir como artesanato. São produtos do fazer humano em que o emprego de equipamentos e máquinas, quando e se ocorre, é subsidiário à vontade de ser criador que, para fazê-lo, utiliza basicamente as mãos. Nesse sentido, diríamos que o objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de que seu processo de produção é em essência manual. São as mãos que executam basicamente todo o trabalho. Segundo: a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria – prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. A maior ou menor inserção desses elementos no processo produtivo e o modo como o artesão se posiciona na rede de

relações sociais que se estabelece no interior da sociedade em que vive irão determinar diferentes artesanatos (LIMA, s/d, p.1).

O fator inicial do processo de trabalho é a demanda do produto, após temos as etapas de produção que se constituem em: extração da fibra e o beneficiamento da mesma, o qual é constituído por diversas etapas: lavagem da fibra, cozimento da fibra, tingimento, confecção e acabamento. No acabamento, geralmente as próprias artesãs utilizam a máquina de costura para confeccionar forros e outros compartimentos às peças.

As artesãs denominam as principais etapas da cadeia produtiva em: início da produção/encomenda (demanda), extração do *olho*, *riscamento* da fibra, *puxamento* da fibra, (beneficiamento) *cozimento/tingimento*, *secamento* da fibra, *rasgamento*, *emendamento*, produção de novelos, *botamento*, *enlização*, *batimento* da fibra no tear ou *crochetagem*, acabamento, seleção das peças e entrega e comercialização.⁴

O artesanato de fibra de buriti tornou-se uma importante fonte de renda, principalmente para as mulheres destas comunidades. Na maioria das comunidades, principalmente na comunidade de Santa Maria, de Alcântara, o artesanato da fibra entra no contexto da economia doméstica e contracenando com a economia rural, pois, as artesãs dizem que: “temos buritizal em nosso quintal e nossos maridos nos ajudam pegando o “olho” pra fazer o artesanato”. (Artesã Suely Santos Gomes/Membro da Associação das Artesãs de Santa Maria). A maioria das artesãs da Associação dos Artesãos de Santa Maria, trabalha com os maridos e a família na roça e na *farinhada*⁵ e conciliam este ofício com outras atividades direcionadas às mulheres na comunidade como: o cuidado dos filhos e as compras na cidade de Alcântara ou São Luis.

O que ocorria antes desta inserção de uma noção de mercado para o artesanato, era um mercado interno de circulação, o qual se sustentava pelas trocas entre produtos produzidos nas comunidades. Existia um mercado interno de circulação entre as comunidades. As artesãs trabalhavam na roça e no processo da produção da farinha, antes do artesanato tornar-se a principal atividade econômica das mulheres dessa comunidade. Como o ofício de artesã ainda não possui reconhecimento e um marco legal, as artesãs são trabalhadoras autônomas, enquanto profissão e categoria de trabalhadoras organizadas, através de Associações e Cooperativas.

Em Santa Maria encontramos uma especificidade, segundo as artesãs, o artesanato de fibra de buriti “veio parar” na comunidade, através, das mulheres que migraram para a localidade, a maioria da região dos Lençóis Maranhenses na década de 70. Em 1973, as mulheres iniciaram a produção domiciliar de sacolas e redes. A partir de 2002, o grupo das artesãs começou a organizar-se também com a chegada e o apoio do SEBRAE e percebeu que era necessário trabalhar de forma coletiva, entre elas e com agentes externos, tanto para

⁴ A denominação das etapas da cadeia produtiva do artesanato de fibra de buriti procede de acordo com as categorias nativas dadas pelas artesãs.

⁵ Expressão nativa utilizada para identificar o processo de produção artesanal da farinha de mandioca, quando as famílias da comunidade dedicam a maior parte de seus dias para esta produção, que é armazenada e estocada por um período para alimentação das famílias.

evoluir na produção e na produtividade como para a busca de parcerias, e por isso, em 19 de dezembro de 2007, as artesãos da comunidade fundaram a Associação dos Artesãos de Santa Maria, na cidade de Alcântara/MA.

Em relação à categoria cooperação, as artesãs da Associação dos Artesãos de Santa Maria, não a utilizam, no entanto, elas se referem ao trabalho “em conjunto” na associação como trabalho coletivo. Nesse sentido, observamos que as artesãs sentem um apreço ao trabalho na associação e cooperam umas com as outras na prática cotidiana da atividade artesanal. Há uma troca de saberes intensa entre as artesãs, todas as entrevistadas disseram que preferem trabalhar na Associação ao trabalho em casa.

Os dois designers entrevistados nessa pesquisa foram categóricos em afirmar que a relação de trabalho com os artesãos é uma relação de troca ou mesmo uma parceria. E que esta relação procede de acordo com as necessidades oriundas das novas dinâmicas do mercado. A categoria troca foi a mais recorrente nas entrevistas e é inferida nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa, enquanto um conjunto de saberes e técnicas específicos do universo desses trabalhadores, artesãs e designers.

Referências

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas, as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, EDUFF, 2008.

BARDI, Lina Bo. *Tempos de grossura: o design no impasse*. Instituto Lina Bo e P.M Bardi. São Paulo, 1994.

BEAUD, Stéphane & WEBER. Florence. *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2007.

BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª.ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.

_____. *O Poder Simbólico*. 9ª.ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas Híbridas*. 4ª.ed. São Paulo, Edusp, 2008.

CARDOSO, Denis Rafael. *Uma introdução à História do Design*. São Paulo, Editora Edgar Blucher, 1998.

- FLORIDA, Richard. *A ascensão da classe criativa*. Porto Alegre, L&PM Editores, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. 7ª.ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1997.
- GREFFE, Xavier. *Arte e mercado*. São Paulo, Iluminuras: Itaú Cultural, 2013.
- KELLER, Paulo F. *Trabalho Artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios*. Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, v. 1 n. 1(jan./jun. 1998).
- _____. *Artesanato em Debate*: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. Revista Pós- Ciências Sociais/Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, v. 8, n.15, 2011. 232 p. São Luis, EDUFMA, 2011.
- KOPYTOFF, Igor. *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*. In: *A vida social das coisas, as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, EDUFF, 2008.
- LIMA, Ricardo G. *Artesanato: Cinco pontos para discussão*. Brasília, Ed. Do Ministério da Cultura- Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosaf Naify, 2003.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Volume I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- MEDEIROS, Marcelo. C. *O design no artesanato*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Desenho Industrial) Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2002.
- MILLS, C. Wright. *Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014*. Brasília, MinC, 2012.
- NORONHA, Raquel G. (Organizadora). *Identidade é Valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara*. São Luis, EDUFMA, 2011.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: As origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2000.
- SEBRAE. *Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro*. Brasília, Ed. Do Sebrae Nacional, 2008.
- SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2009.
- _____. *Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2012.

